

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Questões de identidade no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira

Identity issues in the process of teaching and learning a foreign language

Luciane Cristina Paschoal¹

RESUMO:

A questão da identidade tem despertado o interesse de pesquisadores no campo aplicado dos estudos da linguagem, e, assim, tem sido bastante estudada nos últimos anos. Apesar de focos diferentes, os estudiosos afirmam que as identidades estão sempre em transformação, sendo constantemente (re)definidas. Devido à grande variedade de pesquisas sobre o assunto e à transdisciplinaridade presente nos estudos sobre o tema, o termo vem sendo utilizado em diversas perspectivas, de modo que analisar como as questões de identidade são estudadas e relacionar as teorias de diferentes campos pode favorecer o melhor entendimento do conceito, o que pode auxiliar novas pesquisas sobre o tema. No presente artigo, o objetivo concentra-se em apresentar os conceitos de identidade relevantes para estudos em LA, estabelecer relações teóricas entre identidade, pós-modernidade e ensino-aprendizagem de língua estrangeira, além de discutir os aspectos culturais presentes na aprendizagem de línguas. Considerando que a hibridização e a fluidez são aspectos presentes na pós-modernidade e essenciais para compreendê-la, parece-nos fundamental considerar identidade sob uma perspectiva transdisciplinar. É preciso considerar a pluralidade de referências como algo positivo e entender que a fluidez é de extrema relevância na construção de conhecimento.

Palavras-chave: Identidade linguístico-cultural; Ensino-aprendizagem de LE; Pós-modernidade.

ABSTRACT:

The question of identity has attracted the interest of researchers in the field of applied linguistics, and thus has been widely studied in recent years. Despite the different focuses, scholars claim that identities are always changing, being constantly (re)defined. Due to the wide variety of research on the subject and the transdisciplinary nature of the studies, the term has been used in different perspectives. Examining how issues of identity are studied and relating theories from different fields can promote a better understanding of the concept, which can help further research on identity. This article aims to present the concepts of identity which are relevant to studies in applied linguistics, to make theoretical relationships between identity, post-modernity and learning process of foreign languages, and to discuss the cultural aspects present in language learning. Whereas the hybridization is present in post-modernity and it is essential to understand it, it seems essential to consider identity under a transdisciplinary perspective. We must consider the plurality of references as positive and understand that the flow is extremely important in developing knowledge.

Keywords: Linguistic-cultural identity; Teaching and learning foreign languages; Post-modernity

¹ Docente do Instituto Federal de São Paulo - Campus Barretos
Doutoranda em Linguística Aplicada - Universidade Estadual de Campinas
e-mail: lucianepaschoal@yahoo.com.br.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

1. INTRODUÇÃO

A questão da identidade tem despertado o interesse de pesquisadores no campo aplicado dos estudos da linguagem, e, por conseguinte, tem sido bastante estudada nos últimos anos. Pennycook (2006), por exemplo, menciona que houve um aumento em pesquisas envolvendo a identidade nas suas diversas perspectivas. No Brasil, vários estudiosos pesquisaram a questão da identidade em sala de aula (KLEIMAN, 1998; MOITA LOPES, 2002) e grande parte desses estudos analisou a relação das questões de identidade com o processo de aprendizagem de língua materna (SIGNORINI, 1998; ORLANDI, 1998; MOITA LOPES, 1998). Em outros países, tem crescido o número de trabalhos envolvendo questões de identidade e o desenvolvimento de segunda língua (NORTON, 2000; NGUYEN; KELLOGG, 2005; LIN, 2009).

Devido à grande variedade de pesquisas sobre o assunto e à transdisciplinaridade presente nos estudos sobre o tema, o termo vem sendo utilizado em diversas perspectivas. Desse modo, analisar como as questões de identidade são estudadas e também relacionar as teorias de diferentes campos pode favorecer o melhor entendimento do conceito, o que pode auxiliar novas pesquisas sobre identidade.

A transdisciplinaridade está se tornando cada vez mais comum em pesquisas, principalmente na Linguística Aplicada (doravante LA), pois estudiosos passam a perceber que a fluidez é parte fundamental para o entendimento de problemas de uso da linguagem. Segundo Canagarajah (2007), no contexto de pós-modernidade, todas as comunidades estão se tornando cada vez mais multilíngues com um fluxo transnacional de pessoas, ideias e coisas; e, por esse motivo, pesquisadores começam a questionar os construtos teóricos dominantes e passam a reconhecer a diversidade e a hibridização como ponto central da língua e da identidade.

Com base em tais pressupostos, neste artigo tem-se como objetivo apresentar os conceitos de identidade relevantes para estudos em LA e estabelecer relações teóricas entre

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

identidade, pós-modernidade e ensino-aprendizagem de língua estrangeira (doravante LE). Também objetiva-se, com este trabalho, discutir os aspectos culturais presentes na aprendizagem de línguas.

2. CONCEITOS DE IDENTIDADE

Identidade é um conceito que relaciona teorias de vários ramos da psicologia, psicologia social, antropologia, sociologia e, também, de áreas interdisciplinares como estudos culturais (HOLLAND et al., 1998). Em virtude dessa variedade de áreas e estudos, o termo identidade tem sido utilizado para se referir a diversas perspectivas: identidade social (MAHER, 1996; MOITA LOPES, 2002), identidade cultural (LIN, 2009; HALL, 2006) e identidade linguística (RAJAGOPALAN, 1998). Além disso, outros termos também vêm sendo utilizados, a exemplo de Hall (2006), que, ao discorrer sobre questões identitárias, utiliza termos como identidade pessoal, identidade nacional e identidade moderna.

Por entenderem que o sujeito está inserido em um contexto sócio-histórico, alguns pesquisadores da sociolinguística utilizam o termo identidade social. Maher (1996) analisa a identidade social a partir de uma perspectiva interacional e contrastiva. Segundo a linguista, “é na presença do outro, em oposição ao outro, no contraste com o outro que eu me defino e marco quem sou” (MAHER, 1996, p. 21).

Moita Lopes (2002) afirma que as identidades sociais emergem na interação entre os indivíduos, quando estes agem em práticas discursivas. Da mesma maneira, Gatabonton et al. (2005) exemplificam que o discurso pode ser usado para negociação de identidades. Dessa forma, fica evidente a natureza socioconstrucionista do discurso e da identidade social, ou seja, o significado é construído pelos participantes discursivos ao agirem no mundo social (GATABONTON et al., 2005). Segundo Berger (apud MAHER, 1996, p. 22) “a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente”.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

Por entenderem que a identidade está relacionada com culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, regionais e/ou nacionais, alguns pesquisadores preferem utilizar o termo identidade cultural. De acordo com Hall (2006), o conceito de identidade cultural é muito complexo e pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea.

Alguns teóricos relacionam identidade a importantes características da sociedade, como etnicidade, sexo, raça, nacionalidade, mas para Holland et al. (1998), o conceito de identidade é mais abrangente e mais particular, sendo esta situada historicamente, desenvolvida socialmente e construída culturalmente. Além disso, “a identidade é uma resposta às comunidades imaginárias e personificadas (*embodied communities*) nas quais vivemos” (HOLLAND et al. 1998, p. 192). O termo comunidades imaginárias (*imagined communities*), cunhado por Benedict Anderson, é utilizado para se referir “a grupos de pessoas, não imediatamente tangíveis ou acessíveis, com quem nos conectamos pelo poder da imaginação²” (KANNO; NORTON, 2003, p. 241). Essas comunidades imaginárias e personificadas estão relacionadas com as imitações físicas e mentais que fazemos das pessoas que conhecemos no mundo real (HOLLAND et al. 1998).

Holland et al. (1998) também mencionam que identidade é um conceito que figurativamente combina o mundo pessoal ou íntimo e um espaço coletivo de formas culturais e relações sociais, ou seja, são feitas imitações física e mentalmente de pessoas. Dessa forma, a identidade é uma resposta ao mundo social que combina tanto percepções pessoais quanto imagens do coletivo que percebemos ao nosso redor.

Embora os termos identidade social e identidade cultural sejam utilizados por linguistas em vários estudos, alguns preferem a utilização do termo identidade linguística. Segundo Rajagopalan (1998), como a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela, o indivíduo não possui uma identidade fixa anterior e fora da língua. De acordo com o linguista, “a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende

² Esta citação e todas as outras referenciadas em língua estrangeira foram traduzidas pela autora.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41).

Para se falar em identidade linguística, muitas vezes é feita a ligação entre língua e identidade, relacionando-a com a nacionalidade ou cultura. Entretanto, é necessário estender a compreensão da identidade linguística para algo menos marcado do ponto de vista histórico-social e menos visível: a produção da identidade linguística vista no cotidiano da vida escolar (ORLANDI, 1998).

Acreditamos que língua e cultura possuem uma ligação intrínseca, ou seja, que é impossível analisar separadamente língua e cultura. Devido à impossibilidade de dissociação entre língua e cultura, a utilização do termo identidade linguística não parece traduzir toda uma gama de recursos culturais imbricados nela. O termo identidade cultural, apesar de incluir os aspectos culturais relacionados às questões de identidade, não apresenta os aspectos linguísticos. Dessa maneira, o termo identidade linguístico-cultural nos parece mais completo por incluir todos os fatores linguísticos e culturais que poderiam influenciar a identidade.

Já o termo identidades praticadas (*practiced identities*) refere-se a “constructos que podem ser descritos como referência para diversos contextos de atividade” (HOLLAND et al., 1998, p. 271). Segundo Holland et al. (1998), cada contexto é identificado socialmente na prática, sendo um desses o mundo figurado. Os pesquisadores afirmam que as noções de mundos cultural, intencional, virtual ou imaginário são bastante comuns nas disciplinas de ciências sociais contemporâneas. As partes dos mundos figurados carregam identificação social e até mesmo personificação, do mesmo modo como carregam significado (HOLLAND et al., 1998). O pensamento, a fala, os gestos e as trocas culturais são formas do social e do trabalho cultural; quando fazemos essas coisas, não apenas mandamos mensagens, mas nos posicionamos nos campos sociais em níveis de identificação com outros de afiliação de oposição ou distanciamento (HOLLAND et al., 1998). Percebe-se que a identidade é uma resposta ao mundo social que ocorre na prática, pois é na ação que nos posicionamos e que definimos quem somos.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

De acordo com Rajagopalan (1998), a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologia e, por essa razão, a construção de identidades é uma operação totalmente ideológica. Segundo Ivanic (1998), o desenvolvimento da identidade envolve o esforço para contestar a influência poderosa das ideologias e discursos dominantes que controlam e limitam o senso que as pessoas têm sobre si mesmas.

Apesar da variedade de perspectivas sobre identidade, grande parte dos pesquisadores interessados por esse tema já aceitam que as identidades estão sempre se transformando. Concordamos com essa linha de pensamento, pois percebemos que as identidades são constantemente reconstruídas, isto é, são adaptadas às novas situações que surgem e são adequadas dependendo da situação na qual o indivíduo se encontre.

Conforme Rajagopalan (2003), a identidade linguística é construída socialmente, e não algo pronto, definido sem possibilidades de mudança. Da mesma maneira, Norton (2000) afirma que a natureza de transformação da identidade de uma pessoa não é determinada socialmente, mas construída socialmente.

Além disso, as identidades caracterizam-se por serem fragmentadas, contraditórias, heterogêneas, multifacetadas, dinâmicas, ambíguas (MOITA LOPES, 2002) e estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998). Orlandi (1998) assevera que a identidade é um movimento na história, pois não é sempre igual a si mesma. Vejamos o que diz a pesquisadora acerca da identidade:

[...] não é homogênea e ela se transforma. Não há identidades fixas e categóricas. Esta é uma ilusão – a da identidade imóvel – que, se de um lado, é parte do imaginário que nos garante uma unidade necessária nos processos identitários, por outro lado, é um ponto de ancoragem de preconceitos e de processos de exclusão (ORLANDI, 1998, p. 204).

Hall (2006) afirma que as identidades são definidas historicamente, e não biologicamente; o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas. Segundo o pesquisador, dentro de cada indivíduo há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que suas identificações estão

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

sendo constantemente deslocadas. A cada momento somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, pelo menos temporariamente (HALL, 2006). Sobre esse tema, o sociólogo enfatiza:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma conformadora narrativa do eu (HALL, 2006, p. 13).

Ao estudar LE, os alunos podem também apresentar identidades contraditórias, na medida em que querem aprender uma nova língua, querem (re)definir sua identidade, muitas vezes inconscientemente, mas ao mesmo tempo têm a necessidade de manter sua identidade construída anteriormente.

Hall (2006) distingue as seguintes concepções de identidade: do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. O autor explica que o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado e unificado. De acordo com essa concepção, o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Já a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno, percebendo que o núcleo interior do sujeito não era autônomo, mas formado na relação com outras pessoas, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e a cultura que ele habitava. Hall denomina essa concepção como uma concepção interativa da identidade e do eu. A terceira concepção de sujeito, definida por Hall como concepção de identidade do sujeito pós-moderno, se caracteriza por não ter uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade do sujeito está se tornando fragmentada, composta de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Com base nas teorias mencionadas, é possível perceber que os estudiosos utilizam vários termos para se referirem à identidade, dependendo do foco do estudo. Entretanto, os teóricos parecem concordar que as identidades, no momento atual em que vivemos, estão em

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

constante transformação, são fluidas e, muitas vezes, contraditórias. Concordamos com essa visão fluida de identidade, principalmente por levarmos em conta o momento presente no qual vivemos, em um mundo marcado pela hibridização.

Em virtude das transformações ocorridas nas sociedades modernas no final do século XX, as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade estão se fragmentando, de modo que todas essas transformações também influenciaram as identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006). Essa perda de estabilidade é chamada por Hall (2006) de deslocamento ou “descentração” do sujeito. Na visão do pesquisador, esse duplo deslocamento ou “descentração” dos indivíduos – tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo.

O mundo atual é caracterizado pela fluidez e pela diversidade sociocultural e linguística. Assim, o uso da língua, a etnicidade e a hibridização se tornaram assuntos complexos os quais necessitam de significativa atenção em pesquisas da sociolinguística. Dessa maneira, quando os alunos investem em uma língua, eles o fazem sabendo que irão adquirir uma gama de recursos simbólicos e materiais que aumentarão sua cultura, sua identidade; o investimento em uma outra língua é, também, um investimento na própria identidade do aprendiz (DÖRNYEI; USHIODA, 2009).

As sociedades modernas são sociedades de mudança constante, rápida e permanente, sendo essa a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas. No mundo contemporâneo, as culturas nacionais em que nascemos constituem uma das principais fontes de identidade cultural. Essas identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Há, pois o entendimento de que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural; as identidades são construídas nessa produção de sentidos (HALL, 2006).

Para Hall (2006), quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, histórias, tradições e lugares específicos e parecem flutuar livremente.

Rajagopalan (2003) enfatiza que o mundo contemporâneo é marcado pelo desaparecimento das fronteiras culturais e, dessa forma, as identidades estão em constante mudança. Em função dessa característica da contemporaneidade, o pesquisador sugere que novas estratégias no ensino de LE devem ser adotadas.

No contexto de pós-modernidade, todas as comunidades estão se tornando cada vez mais multilíngues com um fluxo transnacional de pessoas, ideias e coisas. Por conta disso, pesquisadores começam a questionar os constructos teóricos dominantes e passam a reconhecer a diversidade, a fluidez e a hibridização como ponto central da língua e da identidade (CANAGARAJAH, 2007).

Hall (2006) observa ainda que um dos aspectos da questão da identidade está relacionado ao caráter de mudança da modernidade tardia e, principalmente, ao processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre a identidade cultural. Dessa forma, as identidades estão em “permanente estado de transformação, de ebulição” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71), estão constantemente sendo (re)construídas, redefinidas.

Devido a esse complexo conjunto de processos e forças de mudança, muitas vezes sintetizado no termo globalização, as identidades culturais nacionais estão sendo deslocadas (HALL, 2006). Segundo Hall (2006), as principais consequências possíveis desses processos são: a desintegração das identidades nacionais, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global; o declínio das identidades nacionais e a formação de novas identidades híbridas; e o reforço das identidades nacionais e de outras identidades locais pela resistência à globalização.

Conforme afirma Cohen (1974), o pluralismo é a base da sociedade moderna, constituída por uma variedade de grupos que podem se sobrepor, se entrecruzar, se sustentar ou se opor. Isso faz com que grupos hegemônicos tentem impor sua cultura e sua visão

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

particular da sociedade e do mundo a todos os membros. Essa imposição vem ocorrendo principalmente em relação à língua inglesa, a qual tem sido ensinada aos alunos como superior.

Considerando o pluralismo existente na sociedade moderna, Cohen (1974) questiona como esses diferentes grupos se relacionam, de forma a permitir que a sociedade continue funcionando como um sistema permanente, e traz à tona, portanto, o debate acerca da etnicidade. Martins (2011) explica que etnicidade é resultado de uma intensa interação entre diferentes grupos culturais que buscam posições de poder. Dessa forma, etnicidade pode ser definida como “fenômenos socioculturais emergentes de situações de confronto entre diferentes etnias situadas no interior de Estados nacionais” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006, p. 135 apud MARTINS, 2011). Segundo Cohen (1974), etnicidade está relacionada ao grau de conformidade presente em relação a regras coletivas no processo de interação social.

Ao falar sobre pluralismo, Cohen (1974, p.111) propõe para discussão a seguinte pergunta: “de que maneira o indivíduo integra à sua psique as diferentes culturas e formas de ver o mundo, que lhe são impostas pelos diferentes grupos a que pertence?” Para este estudo, essa é uma pergunta pertinente, pois, a partir dessa reflexão, podemos também pensar como os alunos reagem à imposição da cultura estrangeira e quais são as consequências no processo de aprendizado.

Jameson (2005), ao descrever as características da modernidade, faz referência à crise de representação. Conforme observa o pesquisador, vivemos em um momento no qual é difícil estabelecer quem produz determinado enunciado. Da mesma maneira, Dahlet (1997) explica que o discurso é sempre um espaço de acumulação e de substituição de vozes, ocasionado pela pressão exterior que faz com que o sujeito polifônico se sobressaia. O estudioso afirma que o homem emerge do outro e que, por esse motivo, toda ação verbal se organiza como uma interação socialmente essencial. Assim como o discurso, é possível perceber que a identidade também é um reflexo das vozes que circundam o sujeito.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

3. QUESTÕES DE IDENTIDADE E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O ensino de línguas é, acima de qualquer coisa, negociação de identidades (KUMARAVADIVELU, 1999). Norton e Toohey (2002) apontam que a aprendizagem de línguas envolve a identidade dos alunos, já que a língua não é apenas um sistema linguístico, mas uma complexa prática social na qual o valor e o significado atribuídos para um discurso são determinados, em parte, pelo valor e significado atribuídos ao falante. Partindo dessa premissa, observa-se que os alunos não aprendem apenas um sistema de signos linguísticos, mas uma gama de práticas socioculturais, as quais se relacionam com a identidade dos alunos.

Diante desse aspecto, Rajagopalan (2003) menciona que as atividades de ensino e aprendizagem de línguas fazem parte de um processo muito mais amplo o qual podemos chamar de redefinição cultural. É na linguagem e por meio dela que nossas personalidades são constantemente submetidas a um processo de reformulação (RAJAGOPALAN, 2003). Além disso, em contextos de sala de aula, as identidades também são múltiplas, conflituosas e estão em constante mudança (NORTON, 2000).

A sala de aula de línguas tem função central na definição dos significados construídos pelos indivíduos, pois o que se tem de aprender nessas salas é construir significados para agir no mundo social por meio do discurso (GATBONTON, et al., 2005). A sala de aula de inglês como LE é uma arena onde o que devemos esperar é um conflito de identidades (RAJAGOPALAN, 2003).

Lin (2009) reforça que a constituição da identidade é um complicado processo, gradualmente desenvolvido em um contexto social e a identidade cultural materna pode ser essencial no processo de aprendizagem da língua-alvo. A pesquisadora utiliza o termo identidade cultural materna para referir-se aos aspectos identitários trazidos pelos alunos ao estudarem uma segunda língua. Apesar do processo de aprendizagem de uma segunda língua estar intimamente relacionado com a identidade cultural materna dos aprendizes, poucos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

estudos tentam compreender como essa identidade influencia a consciência pragmática dos alunos (LIN, 2009).

Em contextos de LE, a identidade dos alunos também está relacionada ao processo de aprendizagem e pode também influenciar a maneira como aprendem. Rajagopalan (2003) afirma que é necessário entender o processo de ensino-aprendizagem de línguas como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades.

Gatbonton et al. (2005) explicam que uma pronúncia “carregada” de LE pode representar uma maneira de o aluno lidar com as pressões sociais de sua comunidade materna. Sade (2006), após analisar narrativas de alunos de língua inglesa no Brasil, percebe que é possível explicar os processos de fossilização a partir da reconstrução da identidade do aprendiz. A pesquisadora ressalta, ainda, que as questões relativas à identidade devem ser levadas em consideração para se compreender o processo de aquisição de LE.

Rajagopalan (2003) menciona que a perda de identidade é motivo de angústia para os alunos. De acordo com o linguista, isso mostra que a questão da identidade já não pode ser mais percebida como algo pacífico, pois se percebe cada vez mais que as identidades são precárias e mutáveis, suscetíveis à renegociação constante. E como as identidades não são estáveis, são facilmente desestabilizadas.

A crise de identidade linguística origina-se de dois motivos principais: o primeiro é o excesso de informação que circunda as pessoas no mundo globalizado; o segundo refere-se às instabilidades e contradições que caracterizam a linguagem na era da informação e as relações entre pessoas e povos (RAJAGOPANLAN, 2003). Tais instabilidades e contradições referem-se à crise de paradigmas que vivemos, visto que, segundo Gadotti (2001), faltam referenciais na pós-modernidade.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

4. IDENTIDADE E ASPECTOS CULTURAIS DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Considerando-se que o termo cultura tem sido utilizado em áreas distintas como antropologia, sociologia e linguística, diferentes conceitos foram desenvolvidos em cada grupo de estudos. Essas divergências na utilização do termo cultura, segundo Viana (2003), constituem um elemento determinante para estudos em LA. De acordo com o autor, é necessário que, a partir da análise crítica dos diversos conceitos de cultura, estudos em LA forneçam orientações apropriadas para a área de ensino-aprendizagem como, por exemplo, a relação entre língua, cultura e comunicação.

Brown (1980) define cultura como o contexto no qual existimos, sentimos, pensamos e nos relacionamos com os outros. Na visão do pesquisador, a cultura é nossa identidade coletiva, responsável por estabelecer para cada pessoa um contexto de comportamento afetivo e cognitivo e um modelo para existência social e pessoal. Cultura também pode ser definida como “a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística” (CHAUÍ, 2000, p. 376).

Thompson (1990) define cultura a partir de quatro concepções: a clássica, a descritiva, a simbólica e a estrutural. A primeira refere-se às concepções iniciais propostas por filósofos e historiadores que definiam cultura como o processo de desenvolvimento das faculdades humanas, como um processo facilitado pela assimilação de trabalhos escolarizados e artísticos. A concepção descritiva, proposta por Thompson, refere-se à “variedade de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas que caracterizam uma determinada sociedade em um determinado período de tempo” (THOMPSON, 1990, p. 123), ou seja, está relacionada ao que caracteriza uma sociedade. Já a concepção simbólica analisa o simbolismo presente no fenômeno cultural. De acordo com o sociólogo, segundo essa concepção, o estudo da cultura está essencialmente preocupado com a interpretação dos símbolos e da ação simbólica presente na cultura, entretanto, pode não levar em consideração as relações sociais

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

presentes na sociedade. Finalmente, a concepção estrutural entende o fenômeno cultural como formas simbólicas em contextos estruturados. O estudioso afirma que “a análise cultural deve ser construída como o estudo de constituição significativa e contextualização social de formas simbólicas” (THOMPSON, 1990, p. 123).

Na maioria das vezes a cultura é entendida tendo como base os estereótipos de diferentes grupos. Estereótipo pode ser definido como uma representação cristalizada que determinados grupos fazem uns dos outros, como uma imagem homogeneizadora de indivíduos ou grupos (GOMES, 2010), podendo implicar em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas (MARTINS, 2010).

Brown (1980) enfatiza que os estereótipos têm uma tendência de desvalorizar potencialmente as pessoas de outras culturas. Dessa forma, na esfera em se relacionam aprendizes e professores, ambos precisam entender as diferenças culturais para reconhecer abertamente que as pessoas são diferentes. Quando estamos sensitivamente afinados, ao perceber a identidade cultural, poderemos talvez mudar da percepção para a apreciação (BROWN, 1980). Essas visões estereotipadas, algumas vezes preconceituosas, poderão ser rompidas em sala de aula, à medida que os alunos aumentem seu entendimento do mundo, por meio do contato com o outro (ROCHA, 2010). Mas isso somente é possível quando aspectos culturais estiverem presentes na sala de aula para que os alunos percebam que é impossível dissociar língua de cultura.

Como a cultura é um conjunto arraigado de comportamentos e modos de percepção (BROWN, 1980) e as práticas culturais ocorrem na interação por meio da linguagem (VIANA, 2003), aspectos culturais se tornam elementos de extrema importância no processo de aprendizagem de línguas. A língua é uma parte da cultura e a cultura é uma parte da língua. Assim, ambas são intrinsecamente relacionadas, de modo que se separadas, haverá perda de significação de uma delas.

Mendes (2007) afirma que uma abordagem de ensino que se pretende intercultural deve ser, por natureza, dialógica. Desse modo, promover o diálogo de culturas significa

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

estarmos abertos para aceitar o outro e a experiência que ele traz para o encontro, a partir do seu ponto de vista. Sobre essa simbiose, a pesquisadora comenta:

Somente a partir de uma postura que promova o verdadeiro diálogo, a troca entre sujeitos-mundos diferentes, entre línguas-culturas diferentes, é possível derrubar muitas barreiras, que, por vezes, se interpõem nos processos de ensinar e aprender línguas. Através de um movimento incessante de reflexão-ação é que poderemos reavivar a nossa prática, incorporando o sentido da língua que ensinamos como dimensão complexa do humano, a qual extrapola o círculo fechado de formas e regras, para assentar-se naquilo que nos faz humanos: ser e estar socialmente no mundo (MENDES, 2007, p. 138).

Para que o processo de aprendizagem aconteça sem bloqueios, é necessária uma troca real entre culturas; é preciso reflexão para não focar apenas a forma, mas pensar no ser humano inserido no mundo como um ser social. Segundo Müller-Hartmann (2000), aprender interculturalmente depende da habilidade do aprendiz de se abrir para os outros em um nível emocional e do seu envolvimento em atividades significativas que permitam negociação de significado. Nessa negociação, os alunos devem tentar, pelo menos, um entendimento parcial sobre seu interlocutor, mudando suas próprias perspectivas.

As discussões que têm sido travadas no âmbito do ensino-aprendizagem de língua em uma perspectiva intercultural objetivam empreender uma mudança de foco – e, sobretudo, de postura – que incorpore as questões culturais ao conjunto de práticas pedagógicas de professores, mais diretamente, e de pesquisadores da linguagem de uma maneira geral. Isso significa elaborar teorias e procedimentos pedagógicos que ignorem o conhecido esquema de tratar cultura como o conjunto de conteúdos informativos e exóticos sobre determinado país, região, comunidade ou grupo específico (MENDES, 2007).

De acordo com Mendes (2007), é imprescindível incorporar a cultura e as relações interculturais como forma de inclusão e cooperação dos participantes do processo de aprendizagem, adotar uma perspectiva da cultura como meio de promover a integração e o

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

respeito à diversidade dos povos, à diferença, permitindo ao aprendiz encontrar-se com a outra cultura sem deixar de ser ele mesmo.

Nesse sentido, é essencial pensar no processo de ensino-aprendizagem como uma atividade fundamentada sócio-historicamente, sendo, portanto, suscetível a fatores externos aos aprendizes. Com isso, para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem é necessário entender as práticas sociais nas quais os indivíduos estão inseridos e essas práticas devem fazer parte da sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas teorias apresentadas anteriormente, percebe-se que os conceitos de identidade são utilizados tanto em áreas como sociologia e antropologia quanto em áreas interdisciplinares como sociolinguística, estudos culturais e linguística aplicada. A relação entre essas áreas é, muitas vezes, transdisciplinar, não é neutra. Algumas teorias são aplicadas para o entendimento de questões, principalmente pela LA, que também contribui com essas ciências de contato, visto que tais suportes teóricos são aprofundados a partir de problematizações propostas pela LA, transcendendo suas fronteiras.

Por entendermos que a hibridização e a fluidez são aspectos presentes na pós-modernidade e essenciais para compreendê-la, parece-nos fundamental analisar os conceitos de identidade sob uma perspectiva transdisciplinar. É preciso considerar a pluralidade de referências como algo positivo e entender que a fluidez é de extrema relevância na construção de conhecimento.

Nessa perspectiva, inferimos que o conceito de identidade também deve ser apreendido de maneira fluida e entendemos que o termo identidade linguístico-cultural parece transmitir melhor essa hibridização, já que inclui fatores linguísticos e culturais os quais podem influenciar a identidade. Esse termo poderia ser utilizado para se referir à identidade

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

imbricada tanto de questões culturais quanto de aspectos linguísticos, porquanto língua e cultura não podem ser separadas sem que não haja perda de significação de uma delas.

É preciso entender a identidade como algo situado sócio-historicamente, pois o sujeito está inserido em um contexto sócio-histórico e a relação com os outros, a interação é fundamental para o processo de (re)definição de identidades. Como os contextos de interação sofrem alterações, principalmente na pós-modernidade, a identidade também tem a característica de ser fluida e estar suscetível a mudanças constantes.

Além disso, é necessário considerar os aspectos culturais como de extrema importância no processo de aprendizagem de línguas. A língua é uma parte da cultura e a cultura é uma parte da língua, estando ambas intrinsecamente relacionadas e, por conseguinte, caso sejam separadas haverá perda de significação de uma delas. Assim, em sala de aula, não deve haver foco em apenas uma delas, como geralmente acontece com a língua, pois o entendimento ficará prejudicado.

Devemos compreender o processo de ensino-aprendizagem como uma atividade baseada em contextos sócio-históricos e com suscetibilidade a fatores externos aos aprendizes. Portanto, para aperfeiçoar esse processo, é igualmente necessário entender as práticas sociais das quais os indivíduos fazem parte e viabilizar a inserção dessas práticas no âmbito da sala de aula.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

REFERÊNCIAS

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. White Plains: Pearson Education, 1980.

CANAGARAJAH, A. S. Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. *The modern language journal*, v. 91, p. 923 – 939, 2007.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COHEN, A. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 59 -87.

DÖRNYEI, Z.; USHIODA, E. Motivation, language identities and the L2 self: A theoretical overview. In: DÖRNYEI, Z.; USHIODA, E. (Orgs.) *Motivation, language identities and the L2 self*. Bristol: Multilingual Matters, 2009, p. 1 – 8.

GADOTTI, M. Desafios da educação pós-moderna. In: _____. *Histórias de ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2001, p. 310-313.

GATBONTON, E.; TROFIMOVICH, P.; MAGID, M. Learners' Ethnic Group Affiliation and L2 Pronunciation Accuracy: A Sociolinguistic Investigation. *TESOL Quarterly*. v. 39, n. 3, p. 489 - 511, 2005.

GOMES, C. G. A construção do ethos em programas jornalísticos populares baianos: Uma análise retórico-discursiva. *Linguasagem*, 2010. Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/art_02.php>. Acesso em: 22 jul. 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLAND, D.; LACHICOTTE, W.; SKINNER, D.; CAIN, C. *Identity and agency in cultural worlds*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.

IVANIC, R. *Writing and identity: the discursual construction of identity in academic writing*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

JAMESON, F. *Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

KANNO, Y.; NORTON, B. Imagined communities and educational possibilities: Introduction. *Journal of language, identity, and education*. v. 2, n. 4, p. 241-249, 2003.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 267-302.

KUMARAVADIVELU, B. Critical classroom discourse analysis. *TESOL quarterly*, v. 33, n. 3, p. 453-484, 1999.

LIN, L. F. Second language learners' identity toward their home culture: adding pragmatic knowledge to language learning curriculum. *Asian social science*. v. 5, n. 8, p. 43-51, 2009.

MAHER, T. J. M. *Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

MARTINS, M. S. C. Letramento, etnicidade e diálogo intercultural. *DELTA. Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada*, v. 24, p. 53-70, 2011.

MARTINS, M. S. C. Ethos e estilo em textos produzidos na esfera acadêmica. In: SERRANI, S. (Org.) *Letramento, discurso e trabalho docente: uma homenagem à Angela Kleiman*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010, p. 47-63.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entre-culturas”. In: ALVAREZ, M. L. O.; SILVA, K. A. (Orgs.) *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: Pontes, 2007, p. 119-139.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 303-330.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MÜLLER-HARTMANN, A. The role of tasks in promoting intercultural learning in electronic learning networks. *Language learning & technology*. v. 4, n. 2, p. 129-147, 2000.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 06 – Junho de 2013
ISSN: 2176-5782

NGUYEN, H. T; KELLOGG, G. Emergent identities in on-line discussions for second language learning. *The Canadian modern language review*, v. 6, n. 1, p. 111-136, 2005.

NORTON, B. *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. Harlow: [Longman/Pearson Education](#), 2000.

NORTON, B.; TOOHEY, K. Identity and language learning. In: KAPLAN, R. B. (Org.), *The Oxford handbook of applied linguistics*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 115-123.

ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 203-212.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-84.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 21-45.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROCHA, C. H. *Propostas para o inglês no ensino fundamental I público: plurilinguismo, transculturalidade e multiletramentos*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.

SIGNORINI, I. (Des)construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 139-172.

THOMPSON, J. B. *Ideology and modern culture*. Stanford, California: Stanford University Press, 1990.

VIANA, N. *Sotaque cultural: uma proposta para compreensão de traços culturais (re)velados na interação em língua estrangeira*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.